

“ECONOMO-TEOLOGIA” PRELIMINARES

Marcos Kruse

Já antes de terminar meus estudos de teologia, sentia que a economia era uma das ferramentas essenciais para uma elaboração teológica consistente. Anteriormente, eu já compreendera a importância da filosofia, da história e da própria sagrada escritura. Contudo, a economia (mesmo durante os estudos da teologia) permanecia um fascinante objeto de especulação; um mistério a ser desvendado. Além disso, em não poucas ocasiões ouvi questionamentos curiosos sobre as relações que poderiam existir entre economia e teologia. Parece que, ao senso comum, seriam mais lógicas as relações entre direito e teologia ou ainda, entre psicologia e teologia; economia e teologia, nem pensar... O tempo foi tratando de clarificar a estreita relação entre teologia e economia. Alguns artigos teológicos mais recentes gravitam em torno da economia¹ de tal forma que certamente surpreendem teólogos das mais diversas “colorações” teológicas.

Ademais, a situação do colapso das economias de terceiro e quarto mundos é tão desesperadora e angustiante que se torna inevitável articular um projeto econômico. De tal tarefa re-articuladora, não pode omitir-se o cristianismo.² No conjunto global da tarefa missionária que se impõe ao cristianismo, deve-se procurar elaborar uma reflexão econômico-teológica. Eis aí o desafio e proposição que norteia o presente artigo.³

1 Assim, por exemplo, Franz J. Hinkelammert, **Economia e Teologia: As leis do mercado e a fé**, In: BFTL, n° 11, pp. 43-64; Friedrich Erich Dobberahn e Werner Hoefelmann, **Redescobrimo as cruces lá onde foram erguidas**; Reflexões sobre uma arqueologia do proletariado; In: ET, n° 1, 1991, pp. 85-100; Walter Altmann, **Mudanças históricas: impasse e ansios**; a crise do socialismo, a guerra do Gólfó, a economia internacional e a esperança cristã; In: ET, n° 1, 1991, pp. 101-116.

2 Em si deve-se dizer que esta tarefa não pode prescindir do envolvimento de toda religião. Neste ponto deve-se falar em “ecumenismo teológico-econômico”. Compreende-se, assim, que o envolvimento com o próximo e suas necessidades faz parte essencial do patrimônio cristão.

3 Adverte-se o leitor, porém, que não julgamos ter encontrado proposições

A princípio, seria conveniente tomar posição frente à questão do socialismo; os acontecimentos do leste europeu obrigam a isto. A derrocada do assim chamado “socialismo real” parece ter colocado muitas teses importantes (enquanto alternativas ao capitalismo) no ostracismo. Karl Marx, socialismo, comunismo, enfim, qualquer dos conceitos relacionados à existência do “segundo mundo” foram sistematicamente colocados “fora de moda”. Evidentemente, os meios de comunicação colaboraram decisivamente para isto. Os “meios de desinformação” fizeram prevalecer o senso comum referente ao “mundo vermelho”. É óbvio que isto não é suficiente!

O socialismo como tal, é um grande desconhecido. Na verdade, não creio que seja possível dizer, com exatidão o que seja o socialismo.⁴ Também não é menos obscuro o conceito de “marxismo”.⁵ Por isso, deve-se falar dos socialismos e dos marxismos. A face hegemônica do socialismo certamente baseou-se no modelo revolucionário russo. Esta face do socialismo não pode ser vista fora das contingências históricas próprias da Rússia. O ideal socialista “encarnou-se” na história russa e por ela foi determinado.⁶ Este socialismo historicamente determinado foi “exportado” para o mundo dentro dos contextos imperialistas russos e norte-americanos. Desta forma, a complexidade teórica do socialismo foi reduzida e simplificada para dentro da estrutura socialista convencional.⁷ Portanto, fica difícil tomar posição, *a priori*, a respeito do socialismo; é necessário explicitar o que vem a ser socialismo. Basta, por ora, indicar a existência de muitas concepções diferentes de socialismo. Aliás, Marx não é o único teórico do socialismo⁸ e muito menos ainda, propôs um sistema socialista definitivo. Marx discute em **O Capital** o funcionamento do modo de produção capitalista. Neste sentido, a obra fundamental de

econômicas simplistas para os desafios do presente; nossos objetivos imediatos vinculam-se à revisão crítica de algumas abordagens feitas sobre o assunto.

4 Cf. Arnaldo Spindel, **O que é socialismo**, 24ª ed., Brasiliense, 1989.

5 José Paulo Netto, **O que é marxismo**, 5ª ed., Brasiliense, 1985.

6 Daniel Aarão Reis Filho, **Rússia (1917-1921) Anos Vermelhos**, 3ª ed., Brasiliense, 1983. Idem, **URSS, O Socialismo Real (1921-1964)**, Brasiliense, 1983. Paulo G. Fagundes Vizentini, **A política exterior da revolução soviética (1917-1923)**, In: História, Ensino & Pesquisa, Ano I, nº 2, (Associação dos Profissionais de História do Rio Grande do Sul), Porto Alegre, 1985.

7 Assim por exemplo, nada há para fundamentar seguramente um estado socialista ateu. O ateísmo não faz parte da essência do socialismo, conforme a revolução nicaragüense demonstrou.

8 Jean-Christian Petitfils, **Os Socialismos Utópicos**. São Paulo, Círculo do Livro, 1977.

Marx deve ser lida pelos olhos da economia.⁹ Óbvio é que o pensamento econômico de Marx (dada sua complexidade) não pode ser reduzido a jargões simplistas tais como: estatismo e planificação (em oposição à livre propriedade e ao livre mercado).

Logo, como ponto de partida, lancemos o olhar até o excelente artigo de Franz Hinkelammert,¹⁰ em que se questiona o mercado e sua possibilidade de proporcionar justiça social. No dizer de Hinkelammert, “o mercado transforma o cálculo do interesse próprio em amor ao próximo...”.¹¹ Ao final de seu artigo, Hinkelammert projeta a utopia de que “é necessário organizar a economia para que cumpra com seus fins elementares: assegurar a sobrevivência de todos os seres humanos através de seu trabalho e uma distribuição adequada dos ingressos, e basear esta solução no respeito à sobrevivência da própria natureza, sem a qual o próprio homem não pode existir”.¹² Sem desmerecer as acertadas observações de Hinkelammert referentes ao mercado, ainda assim, precisamos destacar as tremendas dificuldades embutidas na proposta de “organizar a economia”. Pelo que deduzimos de seu artigo, esta “organização da economia” soa a interferência no mercado, ou ainda, uma suposição de ausência de mercado! Ambos são terrivelmente problemáticos.

No caso da segunda destas suposições, exige-se que sejam oferecidas alternativas viáveis ao mercado. A proposta de planificação das economias socialistas mostrou-se inconsistente pois apresentou como resultantes a burocracia, graves deseconomias de escala e principalmente ineficácia na solvência dos problemas de distribuição da riqueza gerada.¹³ No caso da interferência no mercado, as coisas já

9 Alec Nove, **A Economia do Socialismo Possível**. São Paulo, Editora Ática, 1983. A obra de Nove é sumamente importante porque sua publicação é brevemente anterior à queda dos regimes comunistas do leste europeu.

10 **Op. Cit.**

11 **Op. Cit.**, p. 50

12 **Op. Cit.**, p. 59.

13 Como ficou claro no modelo soviético. Cf. Alec Nove, **op. cit.**, p. 109-183. Tal problema é evidente no caso da Alemanha. A antiga Alemanha oriental tinha um PIB (produto interno bruto) de US\$ 354 bilhões contra US\$ 1,13 trilhões da Alemanha ocidental. A população respectiva destes países era de 16.642.000 e 61.171.000. Uma divisão simples de PIB e população daria um valor maior para a Alemanha oriental. Contudo, a renda *per capita* da Alemanha ocidental era de US\$ 18.840 contra US\$ 10.200 da Alemanha oriental. Por isso se fala em pobreza. É óbvio que esta é real apenas em termos relativos (o PNB-produto nacional bruto do Brasil, segundo o relatório do Banco Mundial, em 1990, *per capita*, foi de US\$ 2.160). Os dados referentes à Alemanha são baseados no suplemento especial editado pela Folha de São Pau-

não são tão simples como nos primórdios da “revolução keynesiana”.¹⁴ Deve-se ressaltar, todavia, que já não é possível imaginar (de forma ingênua) o funcionamento do livre mercado. Livre mercado concorrencial já não existe no mundo real.¹⁵ Em qualquer setor vital da economia, os mercados são essencialmente oligopolizados. Ainda assim, é de se observar que o “egoísmo” (de Adam Smith) como componente das relações econômicas é muito mais realista do que o “interesse comum” de qualquer grupo social. **Qualquer sistema econômico viável precisa embutir em seu funcionamento os conflitos de interesses.**¹⁶ Para dizer num florido teológico, precisa embutir a esfera dos pecados coletivos e individuais no conjunto sistêmico da economia. Sistemas melhores podem ajudar, mas não produzem a nova humanidade!

Dentro das relações capitalista mundiais, os desdobramentos existentes entre primeiro e terceiro mundo são muito importantes. As possibilidades de se encontrar uma “luz no fim do túnel” para os países subdesenvolvidos parecem cada vez mais remotas.¹⁷ Os países subdesenvolvidos encontram-se sob a égide do “imperialismo capitalista mundial” se é que se pode falar nestes termos. De qualquer forma, as relações entre “norte e sul” têm obedecido às necessidades que o capital tem de acúmulo e lucratividade; a transnacionalização da economia capitalista primeiro mundista certamente obedece os ditames do capital. Neste ponto torna-se inevitável buscar compreender os mecanismos que regem o funcionamento do capitalismo. Fundamentalmente é uma questão de, a partir do conhecimento das mazelas do capitalismo e de seus “livres” mercados, procurar alternativas econômicas que condigam com a fé professada pelo cris-

lo, em 30.9.90.

- 14 Para uma introdução ao assunto: Diva Benevides Pinho, **Evolução da Ciência Econômica**, In: Manual de Introdução à Economia. 1ª ed. São Paulo, Edições Saraiva, 1983. E John Fred Bell, **História do Pensamento Econômico**. 2ª ed. R. de Janeiro, Zahar Editores, 1953. pp. 516-536.
- 15 Creio que esta ingenuidade é traço comum à corrente dos economistas assim chamados “neo-liberais”.
- 16 Cf. Ota Sik, **A terceira via**. 1ª ed. Lisboa, Arcádia, 1978.
- 17 Como já indica o artigo de W. Altmann, **op. cit.** O fosso de separação entre o mundo rico e o mundo pobre vai-se agigantando sem que se tenha qualquer instrumental teórico para resolver os problemas do subdesenvolvimento. Vide o artigo de Stanislav Byliniak, **A Economia capitalista mundial e os países em vistas de desenvolvimento**. In: Desenvolvimento econômico dos países que se libertaram. Moscou, Academia de Ciências da URSS, 1983.

tianismo. Ressalve-se aqui, que qualquer “alternativa cristã” tem de primar por sua viabilidade.

Perguntamo-nos, pois, por um sistema econômico alternativo viável ao capitalismo. Lógico, porque qualquer sistema alternativo ao capitalismo que seja inviável realmente não interessa. Aqui já não importa o nome que este sistema tenha, importa antes, a forma pela qual se propões a solver as mazelas que afligem a ordem econômica, principalmente a terceiro mundista.¹⁸ Estas mazelas inserem-se dentro das relações normais do capitalismo enquanto modo de produção hegemônico. Assinalamos, pois, algumas características importantes deste modo de produção:

1. O capitalismo tem fundamentação na força de trabalho assalariada. Este modo de relação não é semelhante à escravatura pois enquanto o escravo pertence a seu senhor, o assalariado apenas vende ao empregador sua força de trabalho. Força de trabalho assalariada pressupõe desvinculação do trabalhador do meio de produção correspondente. Marx fala em desapropriação dos meios de produção por parte dos capitalistas.¹⁹

2. O capitalista, enquanto “encarnação” do capital, tem por objetivo o lucro. Todavia, de onde provém o lucro, motor do capital: Já dentro da economia clássica de David Ricardo, lucros e salários são inversamente proporcionais.²⁰ Conforme esclareceu Marx, os lucros são retirados da mais-valia, isto é, da produção excedente em relação ao salário percebido pelo trabalhador. Assim, o trabalho necessário é aquele que paga o valor do salário e trabalho excedente é aquele que vai além do necessário. Se os trabalhadores fizessem apenas o trabalho correspondente a seu salário e depreciação do capital constante (fixo), o capitalista não conseguiria acumular capital.

3. Ganhos de produtividade provocam uma redução no tempo de trabalho necessário e aumentam (numa jornada de trabalho constante) o trabalho excedente, possibilitando aumento nos lucros. Este movimento é contradito pela utilização de maquinário, o qual diminui o lucro pois, em geral, expulsa mão-de-obra geradora do lucro.

18 A situação dos países do assim chamado “quarto mundo” é distinta e complexa para que se possa fazer aqui uma análise conjunta.

19 Cf. Karl Marx, *O Capital*, Livro I, volume II. 12ª ed. Rio de Janeiro, Editora Bertrand-Russel, 1988. Portanto, a terminologia “propriedade privada” é ambígua. Marx se refere aos meios de produção e não às possessões privadas de riqueza (casa, móveis, etc...).

20 David Ricardo, *Princípios de Economia Política e Tributação*. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1985.

Assim, torna-se necessário extrair mais mais-valia de um número menor de trabalhadores.

4. Alta produtividade implica em menor quantidade de mão-de-obra e uma taxa de lucros reduzida. Taxas de lucro reduzidas forçam a migração do capital em busca de maior lucratividade. Neste caso, a multinacionalização do capital não pode ser vista em termos ingênuos como “ajuda”. O capital não ajuda ninguém, filantropia não é a sua virtude. O capital do norte entrará nos países do sul enquanto estes acenarem com a perspectiva de altos ganhos (muito maiores do que se aplicados nos países de origem) em relação ao capital investido.

5. O fosso de separação entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos é cada vez mais largo; as possibilidades de alcançar o “lado dos ricos” é crescentemente remota. Dentro das regras do jogo ditadas pelo capitalismo, os países do terceiro mundo não têm perspectivas.²¹ Portanto, a articulação de um projeto de desenvolvimento econômico alternativo é fundamental para o anúncio da integralidade da fé cristã.

Voltemos às proposições de matiz socialista. Algumas destas proposições podem ser contrapostas ao modelo capitalista. Por exemplo, uma abordagem socialista da economia falaria em relações diretas entre produtores e consumidores. Outro tema seria a apropriação da mais-valia pelos trabalhadores.²² Contudo, no global, todas estas proposições foram aplicadas nos regimes socialistas e, mesmo assim, não conseguiram propiciar viabilidade econômica alternativa ao capitalismo. Que fatores tornaram o “socialismo real” inviável? A resposta a esta questão é importantíssima pois poderá fornecer indícios para a discussão de um sistema econômico de base cristã viável. Destacamos aqui, aqueles fatores que nos parecem os mais importantes para explicar os acontecimentos das sociedades socialistas:

1. A infra-estrutura econômica do “socialismo real” não é diferente daquela vigente no capitalismo. A indústria e seu modelo de

21 Monstruosas dificuldades envoltas na superação das desigualdades entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos podem ser percebidas no Relatório Anual do Banco Mundial (1990), **A Pobreza**, 1ª ed., Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1990.

22 Interessante ver como o capitalismo apropriou-se deste ideal socialista através da participação nos lucros. O lucro, para o sistema capitalista é, “por direito”, aquilo que pertence ao proprietário do capital. Ao empregado, cabe o salário.

produção em larga escala é típica do modo capitalista de produção. O pressuposto de funcionamento da indústria é a mão-de-obra desaproprada dos meios de produção. Uma economia que queira ter um modo de produção alternativo ao capitalismo tem de repensar todo modelo de produção industrial.²³

2. As sociedades ditas “socialistas reais” não conseguiram postergar indefinidamente os interesses individuais em detrimento dos interesses coletivos. Em geral, trabalhadores preferem incorporar benefícios presentes a aguardar benefícios futuros. Num sistema capitalista, o capitalista aprende, pela experiência, a armazenar para colher dividendos futuros. De outro lado, a posse privada dos meios de produção garante que as inversões aconteçam em função do acúmulo de capital privado. Dito doutro modo, o capitalista aprende que faz economia para si próprio ao investir em sua empresa. Este investimento, ao contrário de um sistema socialista, deve ser feito, até mesmo, em detrimento dos benefícios salariais.

3. Nos sistemas “socialistas reais” fica muito difícil conjugar incremento de produtividade e corporativismo dos trabalhadores. A produtividade consegue reduzir o valor das mercadorias via redução no tempo de trabalho necessário de produção.²⁴ Estes ganhos de produtividade vão reclamando a diminuição da força de trabalho em relação ao montante de capital fixo (constante). Portanto, é de se perguntar como seria um socialismo não-corporativista, socialismo que se dispusesse a conviver com o desemprego e as demissões, ora, desemprego e demissões soam contraditórias a qualquer ideário alternativo ao capitalismo.

4. Os “socialistas reais” não conseguiram criar uma ilusão convincente de alternância no poder, ilusão esta resultante típica da ideologia burguesa capitalista. Na verdade, a ideologia socialista teve de ser imposta “de cima para baixo”, através dos meios de informação. Aos poucos, o poder de estado tornou-se o fiador da manutenção do *status quo* socialista; socialismo passou a ser sinônimo de ditadura. O modo de produção capitalista, apesar de manter a mesma estrutura de ditadura (ditadura do capital), consegue aparentar um estado de democracia. A falta de liberdade política dos países do “socialismo real” contrapõem-se a falta de liberdade econômica dos paí-

23 Como bem observou Jacques Ellul em **Mudar de revolução; o inclutável proletariado**. R. de Janciro, Ed. Rocco, 1985.

24 Aceitamos aqui, a formulação teórica clássica do valor medido pelo trabalho incorporado nos produtos.

ses capitalistas.²⁵ Os socialismos que queiram ser alternativas viáveis ao capitalismo precisam conviver com a oposição política.

5. A maior dificuldade dos "sistemas socialistas reais" transparece na inversão dos componentes da estrutura social. Se tomarmos o modelo de Marx, na infra-estrutura social está o componente econômico e na superestrutura social está o componente jurídico ideológico. O econômico é o determinante da ideologia ou, noutros termos, a ideologia correspondente à infra-estrutura. Ora, os sistemas socialistas colocaram na infra-estrutura social o componente ideológico e esperaram que se produzissem alterações fundamentais de caráter econômico. Esta dificuldade (idealismo) é qualitativamente a mesma que transparece na maior parte dos escritos cristãos sobre as alternativas do modo capitalista de produção.²⁶ Não se pode esperar, em qualquer sistema econômico viável, que a base do sistema seja a ideologia desvinculada da realidade material.²⁷

Assim sendo, de que forma se pode falar consistentemente sobre um modelo alternativo ao modo de produção capitalista? Certamente não se dá o caso de que tal modelo possa ser pensado na prancheta. Este modelo deveria acontecer pela própria exaustão do modelo capitalista como modo de produção. O capitalismo emergiu das cinzas do feudalismo; das cinzas do capitalismo emergirá uma realidade produtiva nova. Alguns indícios importantes, do ponto de vista econômico, já se fazem sentir dentro das sociedades capitalistas, indicando a exaustão do modo capitalista de produção.

1. A teoria econômica não consegue mais encontrar respostas suficientes para resolver os problemas das sociedades capitalistas. Na verdade, a crise não é da teoria, é do próprio sistema capitalista de produção. As margens de desemprego crescentes dentro do sistema

25 Verifique a seguinte frase: Os trabalhadores dos países capitalistas subdesenvolvidos têm toda liberdade de se alimentarem bem, de terem boa moradia e condições de saúde excelentes. Além disso, são completamente livres para mudarem do país para qualquer lugar onde o mercado ofereça melhores salários.

26 O ótimo livro de Ronald Sider, **Cristãos Ricos em Tempo de Fome** (S. Leopoldo, Sinodal, 1984), apresenta esta dificuldade, além do que Sider não esmiúça a problemática ideológica do capitalismo. Capitalismo é, em essência, ideologicamente determinado.

27 Por essa mesma razão, temos de apontar a inevitável derrocada do socialismo cubano, apesar da revolução cubana ter caráter essencialmente popular, isto é, ter boa sedimentação ideológica. Ademais, apesar da ideologia, transparecem as dificuldades de ordem econômica. Cf. Harald Malschitzky, **Cuba - Uma experiência interessante**. In: ET nº 2, 89, pp. 185-206.

vão congestionando o processo de acumulação. A “criação de novos empregos” não consegue avançar no mesmo ritmo em que estes são destruídos pelo avanço da produtividade. Mesmo a grande demanda por mão-de-obra no Japão contemporâneo é temporária e dependente de muitos fatores externos à economia japonesa.

2. O crescimento fantástico da “economia informal” indica que a indústria, enquanto motora do acúmulo capitalista, já não consegue propiciar global absorção da força produtiva. A “economia informal” aponta um retrocesso do capitalismo a fases pré-capitalistas. A indústria nascente destruiu o trabalho artesanal e incorporou-o à rotina industrial; a indústria sedimentada não consegue evitar que o trabalho artesanal ressurgja no dia a dia da sociedade contemporânea.

3. A constante queda na taxa de lucros leva o capital ao estrangulamento. Certo é que as previsões de Marx quanto ao modo de esgotamento da sociedade capitalista parecem um pouco distantes da realidade. Os acontecimentos que circundam o final de um modo de produção, bem como o dimensionamento de sua adaptabilidade a novas situações, são imprevisíveis. É evidente que qualquer modelo de produção substitutivo deve incorporar soluções de caráter econômico superiores àquelas apresentadas pelo modelo que pretende substituir. É neste ponto que podemos falar num sistema alternativo de produção que tenha fundamentos na mensagem cristã. Vejamos alguns pontos salientes desta mistura entre economia e teologia num projeto de sociedade alternativa.²⁸

1. Um sistema econômico alternativa de base cristã deve ter prioridades absoluta para a **educação**, pois qualquer alternativa eficaz ao capitalismo somente poderá nascer como resultante do processo educacional. Um povo altamente educado terá condições de exercitar democracia pela popularização do saber. A igualdade e liberdade entre as pessoas não pode ser condicionada ao aspecto econômico. A educação e a consciência são os únicos fatores que têm condições de se contrapor ao poderio econômico. **Educação, eis aí a**

28 Gottfried Brakemeier. **O “Socialismo” da Primeira Cristandade**. São Leopoldo, Sinodal, 1985. Este autor quer “um sistema a ser chamado de socialismo liberal ou capitalismo social” (p. 50). É óbvio que estamos de acordo com a terminologia. O que precisa ser esclarecido é que o capitalismo não é social e nem nunca vai ser. Eis aí a razão da “falta de propostas, concepções e projetos políticos convincentes” (p. 49s). Propostas alternativas devem ser proposições alternativas ao capitalismo justamente pelo fato de que ele não consegue fazer distribuição da riqueza gerada. O socialismo é essencialmente concentrador de renda.

maior interferência que o cristianismo pode fazer nas sociedades subdesenvolvidas; é por aí que o cristianismo deve começar sua ação.

2. Um sistema alternativo tem de ser em essência mais eficiente do que o vigente. Faz-se necessária **eficiência produtiva** e, fundamentalmente, **distributiva**. É preciso restituir a propriedade privada dos meios de produção aos produtores diretos, reverter o caminho seguido pelo capitalismo, aproveitando a imensa quantidade de mão-de-obra “disponível” nas cidades. As igrejas, a nível ecumênico, têm de investir em projetos de auto-sustentação econômica; de fato, devem assumir o papel de bancos sociais. Penso que é preciso desenvolver e aperfeiçoar projetos cooperativistas²⁹ e restituir a competitividade via preço. O preço das mercadorias cooperadas **pode ser menor do que aquele oferecido pela sociedade capitalista**. Preços menores implicam em menor quantidade de trabalho embutido nas mercadorias. Deve-se pensar, até mesmo, em trabalho pessoal subsidiando os preços. Creio que o modelo de “indústria cooperada” pode ser muito mais eficiente do que o modelo de trabalho assalariado.³⁰

3. O cristianismo precisa dar-se conta da materialidade da vida. Às portas do século XXI, é preciso reconhecer que os “supérfluos” já vão se tornando “necessários”. O consumo de massa de produtos de alta tecnologia (computadores, equipamentos laser, equipamentos médicos, etc...) exigem que a sociedade continue a produzir estes bens; não é possível prescindir idealisticamente deles. Isto significa que continua sendo necessário o investimento em capacitação tecnológica visando desenvolvimento produtivo. Isto é essencial em países do terceiro mundo.

4. No caso dos países subdesenvolvidos, faz-se necessária uma conjugação de forças que vise a superação das relações de dominação com países desenvolvidos. Não se exclui, de todo, certo grau de ruptura³¹, principalmente na busca de novas parcerias de diálogo.

29 No Brasil, grupos de “sem-terra” dão bons exemplos do sucesso destes empreendimentos. Vide ainda: Alec Nove, *Op. Cit.*, p. 302-352.

30 Neste caso, é decisivo o reinvestimento do capital no avanço tecnológico para aumento de produtividade. A questão do corporativismo dos trabalhadores pode ser equacionada, ou através da diversificação produtiva da indústria (e conseqüente re-absorção dos trabalhadores em outras linhas produtivas), ou através do planejamento socializado da diminuição da mão-de-obra em relação aos investimentos em capital fixo.

31 Apesar da observação de Altmann (*op. cit.*, p. 104). Sem esta ruptura (pode ser parcial) não há chances de desenvolvimento que atenda os interesses dos países subdesenvolvidos.

Imperiosa é a revisão do acordo de Bretton Woods e a criação de uma nova moeda internacional sob controle de um organismo internacional.

5. É extremamente necessária a ênfase na **leitura libertária** das escrituras. O grande mérito da Teologia da Libertação não está na descoberta de uma nova e bombástica teoria hermenêutica, mas na leitura da bíblia a partir das condições reais da vida sofrida e marginalizada dos países subdesenvolvidos. Principalmente, é necessário um “retrocesso evangelizatório”, isto é, o evangelho enraizado nos países subdesenvolvidos precisa voltar aos países outrora evangelizadores, para lá, produzir conversão e vida nova. É preciso testar a veracidade da fé cristã em produzir relações humanas que reflitam o amor de Deus. isto também se aplica às relações econômicas. Escolas não são o cumprimento da vontade e intencionalidade divina.³²

6. Um projeto cristão precisa incluir em sua pauta de utopias a questão ecológica e, imersa nela, a contenção das taxas de crescimento populacional. Em geral, qualquer coisa que se aproxime das idéias de controle de natalidade causam furor na esquerda. Contudo, sem reduzir as taxas de crescimento (e de consumo) não há economia (ou ecologia) que agüente (quer seja capitalista, socialista ou cristã).

7. Um projeto econômico de base cristã precisa **conviver com o capitalismo com o fito de transformá-lo**. Algumas lutas de caráter político precisam tornar-se lutas da fé cristã. Mencionamos a luta pela participação nos lucros, pela reforma agrária e urbana visando garantir o direito à propriedade e a luta pela vida integral.³³

8. Por fim, a teologia cristã que quer influenciar a estruturação econômica da sociedade, deve utilizar um substrato filosófico comum. Sugiro que este substrato filosófico seja um **humanismo radical**, apregoado, tanto por economistas de diversas linhas ideológicas, quanto por teólogos (cristãos ou não) de diversas linhas teológicas.³⁴ Neste sentido, o marxismo deve ter seu lugar garantido nas discussões sobre uma sociedade humana mais justa e fraterna, como foi vivido e anunciado por Jesus de Nazaré, há quase 2000 anos.

32 Este é um dos grandes méritos da reflexão de R. J. Side, *op. cit.*

33 Exatamente o direito à propriedade privada dos meios de produção é constantemente violado pelo capitalismo: **ao invés de combater o direito à propriedade, é necessário radicalizá-lo.**

34 Como já, sabiamente, havia ponderado Hans Küng (*Ser Cristão*. Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., 1976), pp. 151-238 e 481-522. Esta também é a intencionalidade de Paul-Eugène Charbonneau (*Entre capitalismo e socialismo: a empresa humana*. São Paulo, Livraria Pioneira editora, 1983).